

POESIA: abrigo da liberdade

Rosanne Bezerra de Araújo¹

Resumo

A poesia nos oferece um novo diálogo com o mundo, uma nova maneira de ver a realidade. Através do processo literário, a realidade torna-se instigante e enriquecedora. Este artigo pretende mostrar que diferentemente da linguagem técnica e científica, a linguagem poética vai além das palavras. Ela não retrata a linguagem convencional trocada pelas pessoas diariamente. Ela abriga a essência do Ser. Ao contrário da língua técnica, que se repete continuamente, a poesia é única, podendo ser simbolizada pelo pôr-do-sol, sempre diferente a cada entardecer.

Palavras-chave: *Poesia; realidade; linguagem técnica; Ser.*

Se olharmos ao nosso redor perceberemos o movimento da vida e a harmonia da natureza. Então, nesta surpresa diária do nosso encontro com o mundo nos detemos e buscamos compreender onde estamos, bem como qual influência causamos e recebemos do presente. Tal reflexão voltada para uma interpretação do presente é traduzida pela linguagem, pela palavra que busca definições sobre tal presente, ou ainda, sobre a realidade vivida diariamente por todos nós. Mas como se constitui essa realidade? Ou melhor, como expomos tal realidade de modo a concretizá-la por intermédio da linguagem? Como a realidade através do processo literário apresenta-se sempre instigante e enriquecedora a cada vez que tentamos dizê-la de uma forma diferente?

Ocorre que a poesia pode ser definida como um discurso aberto, cuja linguagem é ilimitada, oferecendo a possibilidade de um dizer sempre inovador que sugere ao leitor um re-olhar sobre o mundo, sobre o presente no qual habitamos. A poesia é um fenômeno cujo horizonte contribui para uma profunda análise da intimidade do real, transformando este numa poderosa máquina a cultivar ensaios do nosso imaginário.

¹ Mestre em Literatura Comparada (UFRN); Graduada em Letras com habilitação em Língua Inglesa e literaturas (UFRN) e Professora da Faculdade Natalense para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte. E-mail: rosanneba@yahoo.com.br.

Em seu livro *Aula*, Roland Barthes afirma que a língua é petrificada pelos clichês e, portanto, somente a literatura consegue despetrificá-la, aflorá-la. Isso se torna possível através das três forças da literatura, indicadas por Barthes sob três conceitos gregos: a literatura como fonte de conhecimento (*Mathesis*), como representação (*Mimesis*) e como jogo de signos (*Semiosis*).

A literatura é um dizer que vai além da palavra, pois sua linguagem, ao contrário da científica, não possui limites. Nesse sentido, o poema brinca com a linguagem, subvertendo-a, produzindo o deslocamento dos signos, o jogo lúdico com a linguagem. O poema apresenta-se como um ser único e múltiplo. Nas palavras de Octavio Paz, “cada poema es único, irreductible e irrepitable” Paz (1998, p. 15).

O sabor/saber² da poesia está em reconhecer a língua como um implicado jogo de palavras, sons, ritmos, vibrações. A poesia é o sal da linguagem, o ingrediente que convida o leitor faminto a saboreá-la, confrontando o real com a fantasia.

Mas por que tanta ênfase na poesia? Porque ela funciona como uma forma de resistência perante o real, oferecendo um novo ritmo ao cotidiano de nossas vidas.

Qual a utilidade da poesia? Por que lemos poemas? Que importância tem a poesia nas nossas vidas? O que sentimos quando lemos um poema, um romance, ou uma tragédia? Tais perguntas nos impulsionam e nos conduzem em busca de respostas (se é que elas existem). O importante é percebermos que a literatura exerce um papel importante em nossas vidas. O valor da poesia está no fato de ela possuir uma maneira peculiar de tocar a vida de cada um.

O homem vive e experimenta o mundo aos poucos, como quem tateia no escuro tentando se familiarizar com o que está à sua volta. Para Martin Heidegger, em busca de saber quem verdadeiramente é, o homem sofre com a ausência de respostas em meio a uma realidade que muda a todo instante, pois permanece velada pelo mundo das aparências.

A experiência adquirida na leitura de um poema pode representar o equilíbrio e a libertação da alma humana – o sonhar, o direito de inaugurar uma realidade ainda não explorada, que vai além desse mundo das aparências. Afinal, onde habita o homem? Qual o seu espaço diante das exigências da vida? O espaço de vivência do homem pode-se dizer restrito, de outro modo, encurralado ou encarcerado pela existência mundana, devido às práticas diárias que a vida/

² Barthes diz que as palavras tem sabor/saber. Ao jogar com essas palavras, justifica-se afirmando que “saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia” (1997:21).

realidade impõe. Contudo, ainda é possível habitar esse espaço do Ser: *poeticamente o homem habita*³ dizia Heidegger. Como o sonho, a poesia pode ser uma recriação do real.

Habitamos poeticamente, pois interagimos com o mundo, inventamos, modificamos, somos construtores do espaço à nossa volta. Muitas vezes nossa imaginação assume o poder e “reinventa” uma nova realidade, como dizem os versos de Cecília Meireles, “A vida só é possível reinventada”. Eis a utilidade da poesia: retornarmos a uma realidade lúdica: “ao criancimento das palavras”, como diz o poeta Barros (1997, p. 47).

O tempo moderno traz consigo um espírito crítico. A poesia parece já ter se expressado da maneira mais diferente e variada possível. Ao refletir sobre um novo estilo de poesia, os poetas modernos entram em consonância com o pensamento crítico. Além de criticar a sociedade, a poesia exerce sobre si mesma a própria crítica, passando a cultivar a metalinguagem em seus versos, tematizando o próprio ato de fazer poemas. O tempo moderno traz também a ascensão de uma nova linguagem: a *técnica*. Os projetos e as atividades da modernidade exigem do homem e da natureza uma *objetividade*. Princípio partilhado com Gaston Bachelard ao comentar o comportamento de uma mãe diante da responsabilidade de educar seu filho no decorrer de seu crescimento:

Assim que a criança atinge a ‘idade da razão’, assim que perde seu direito absoluto de imaginar o mundo, a mãe assume o dever, como fazem todos os educadores, de ensiná-la a ser *objetiva* – objetiva à simples maneira pela qual os adultos acreditam ser ‘objetivos’. Empanturramo-la de sociabilidade. Preparamo-la para sua vida de homem no ideal dos homens estabilizados. Instruímo-la também na história de sua família. Ensinamos-lhe a maior parte das lembranças da primeira infância, toda uma história que a criança sempre saberá contar. A infância – essa massa! – é empurrada no espremedor para que a criança siga direitinho o caminho dos outros (BACHELARD, 1996, p. 101).

Em prol desta *objetividade* imposta pelo mundo adulto, técnico e moderno, o homem se esquece de valorizar os instantes da vida, as dádivas do presente. A corrida do dia-a-dia, bem como a rajada de informações que recebe continuamente, afasta o homem da reflexão, do pensar. Ao invés de contemplativo e reflexivo, vendo a natureza como fonte de vida e riquezas, o homem moderno domina o espaço natural a sua volta através da técnica. Como exemplo disto, Heidegger

³ Título de um ensaio de Martin Heidegger, que é um verso do poeta Hölderlin. Neste ensaio constatamos a essência da existência humana ligada à essência da poesia no sentido de o homem habitar a terra construindo e modificando a realidade a sua volta.

afirma que a técnica moderna “impõe à natureza a exigência de fornecer a energia” (HEIDEGGER, 1995, p. 26). Através da técnica a natureza passa a ter uma utilidade.

E em relação à linguagem? Não somente a natureza serve à técnica como também a língua. A língua é o que se encontra mais exposto e vulnerável ao domínio da técnica, pois a linguagem termina por servir à informação. O caráter unívoco⁴ da língua a torna reduzida para informar e comunicar.

Mas qual a relação que a poesia tem a ver com tudo isso? Ocorre que a univocidade da linguagem de informação opõe-se à linguagem poética. É por não obedecer à uniformidade da linguagem programada de um computador que um poema não pode ser programado. “A agressão da língua técnica sobre o caráter próprio da língua é ao mesmo tempo uma ameaça contra a essência mais própria do homem” (HEIDEGGER, 1996, p. 38). Contudo, essa “essência” pode ser resgatada através do retorno à linguagem poética, caracterizada pela abertura, pela renovação da língua, e, por consequência, do universo. Em seu livro *Língua de tradição e língua técnica*, Martin Heidegger medita sobre o importante lugar da tradição da língua – abrigo da poesia: “A tradição da língua é transmitida pela própria língua, e de tal maneira que exige do homem que, a partir da língua conservada, diga de novo o mundo e por aí chegue ao aparecer do ainda-não-apercebido. Ora eis aqui a missão dos poetas.” (HEIDEGGER, 1995, p. 40).

Como podemos ver, diferentemente da língua técnica, a língua poética é criadora e irreverente como testemunham as palavras do poeta: “Não queria comunicar nada. Não tinha nenhuma mensagem. Queria apenas me ser nas coisas” (BARROS, 1992, p. 12). Avesa ao homem que domina a natureza, a poesia de Manoel de Barros, por exemplo, traz um homem igualado a todos os seres, sem a pretensão de lhes ser superior.

Finalmente, a utilidade da poesia está em resgatar tudo aquilo que é rejeitado e tido como inútil pela civilização imbuída da técnica moderna. Como crítica de tal sociedade, o poeta Manoel de Barros elege a pobreza. Por isso seus versos trazem loucos andarilhos, homens desligados da produção, compondo, assim, “um conjunto residual que é a sobra da sociedade capitalista”, como afirma Berta Waldman, estudiosa do poeta.

Sobre a (in)utilidade da poesia, Manoel de Barros traz uma contribuição valiosa para a nossa reflexão sobre o sentido da poesia. Como vemos, tudo aquilo que é descartado pela sociedade serve para a poesia. Todas as coisas

⁴ De acordo com Heidegger, a univocidade da língua “assegura a possibilidade de uma comunicação certa e rápida” (HEIDEGGER, 1995:36).

desimportantes para a objetividade do homem moderno servem muito para a poesia. O poema funciona como uma máquina a humanizar tudo aquilo que foi desumanizado pelo homem da “técnica”. O poema é uma transformação do comum para o indizível, como “o coração verde dos pássaros”, em *Matéria de poesia*:

[...]

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros
serve para a poesia

[...]

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia

[...]

(BARROS, 1992, p. 180)

Mas o que pode ser definido como útil ou inútil? A utilidade da poesia está em preencher o silêncio, a ausência, o nada metafísico que circunda o homem. O poema é um amplo painel do mundo que convida o leitor a lançar um novo olhar para as coisas à sua volta. Da mesma maneira que o poema permanece aberto ao leitor, esperando que esse sobre seu verso, ressuscitando-lhe a cada leitura, também o leitor deve estar aberto, receptivo a um poema. Portanto, torna-se necessário resgatar, nos alunos, o hábito de ler poemas que há muito foi eclipsado da sala de aula pelo advento da modernidade e a perda da inocência. Tal preocupação é compartilhada pelo próprio poeta: “Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopéia do consumismo”(BARROS, 1995, p. 48).

O mundo moderno possui um caráter de fragmentação, de vazios, o mundo frio das máquinas, das telas da TV e do computador. Finalmente, um mundo de imagens. Mas dentro deste mundo moderno é necessário despertar o olhar crítico do aluno, seja o olhar voltado para um poema ou para um *outdoor*. Trata-se de inserir a poesia no espaço do jovem, de maneira que o motive e o instigue a encontrar prazer na leitura, mostrando que a poesia está em todo lugar, sendo somente uma questão de sabermos educar o nosso olhar em direção às coisas ainda não descobertas. Seja criança ou velho, reservado ou extrovertido, o homem será sempre receptivo às coisas que ainda lhe são desconhecidas. A curiosidade já é um convite ao poético, ao mundo do imaginário, a vontade de desvendar

aquilo que ainda não existe, pois como diz Manoel de Barros, “as coisas que não existem são mais bonitas”(BARROS, 1993, p. 77). Ou ainda, as coisas do mundo ao serem traduzidas pela palavra ganham uma outra dimensão. O poeta, tal qual uma criança que desvenda o mundo, brinca com a palavra.

O mundo moderno não é um empecilho para a leitura. Esta apenas deve ser cultivada e bem direcionada pelos professores. Sabemos que em meio a um mundo moderno e industrializado, a natureza se encontra em segundo plano. No cenário urbano de pessoas ocupadas com suas obrigações, que importância tem a violeta, a garça, o beija-flor e a árvore? Talvez a poesia de Manoel de Barros nos convide a dirigir o olhar para os seres “desimportantes”, um olhar voltado para o chão, para os seres minerais, os rios, as flores, as lesmas, os sapos, os caracóis. O poeta cultua a natureza expondo o mundo através do principal personagem de sua poesia: a palavra. Na poesia, como sabemos, tudo pode ser dito, captado pelas malhas do poeta, oferecendo um novo diálogo com o mundo. A palavra torna-se *abrigo do Ser*, pois a linguagem poética institui o Ser como palavra. Pela palavra, a poesia conduz o homem no caminho do conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo. Trata-se do caminho da meditação e da contemplação. Saber ouvir a palavra poética é regressar ao sentido primeiro da palavra, pois, diariamente, “o desgaste da linguagem, no dizer impróprio do social e do convencional, mascara o sentido originário da palavra” (GMEINER, 1998, p. 48).

A importância da poesia está justamente no fato de ela nos conduzir além do limite da língua, ainda que nos esbarremos com este. A língua, sim, possui limite, mas a poesia abriga a intenção de ir sempre além do limite imposto pela linguagem.

Ao meditarmos sobre a in(utilidade) da poesia, entendemos ser esta pretensão desde sempre inútil, uma vez que a ação de meditar se aproxima do inútil. Por que buscar a utilidade da poesia? Afinal, ela própria nos ensina que o estado poético é aquele no qual o útil e o inútil se anulam, se desvanecem, pois o sentido da poesia é a ausência da atribuição de sentidos. A poesia recusa qualquer aplicação de utilidade, pois seria a morte dela mesma.

Este artigo no qual ousamos meditar sobre poesia e a utilidade desta começa a compreender que a poesia foge a todas explicações e definições, podendo somente ser expressa por ela mesma: a poesia *é*. Ela é o seu próprio predicado, concentrada em si mesma, tal qual uma luminária que apesar de iluminar o espaço ao seu redor possui a luz presa em si. A poesia é tudo aquilo que por um instante nos surpreende: “a consagração do instante” nas palavras de Octavio Paz. É o inusitado, o que nos põe a meditar. Enfim, a poesia se assemelharia ao inútil: “o

inútil tem a sua grandeza própria e o seu poder determinante na sua maneira de ser” (HEIDEGGER, 1995, p. 12).

A linguagem poética guarda o tempo da infância, o tempo da descoberta, ao qual podemos retornar em harmonia com a poesia. Retornarmos a infância é como mergulharmos em nós mesmos. Tal instante proporcionado pela poesia nos pede cautela, porque admitimos “que a infância é o poço do ser” (BACHELARD, 1996, p. 109). E este poço possui uma profundidade diversa para cada um de nós.

Vimos que a poesia ao invés de possuir definições se faz compreender por ela mesma. Assim, um poema nos convida a experimentá-lo como se fosse sempre a primeira vez, pois a leitura de um poema deve guardar um momento inaugural que se dá de maneira diferente a cada vez, assim como o pôr-do-sol, que nunca é o mesmo. A poesia estará sempre a surpreender leitores, pois a palavra poética é um casulo que guarda a futura borboleta (poema) que alcançará vôo no universo da imaginação do leitor.

A inutilidade da poesia abre um horizonte sempre desconhecido para nós. Por mais que estejamos familiarizados com a poesia, a magia desta está em nos mostrar que “no campo da reflexão e do questionamento meditativo não há nada que seja conhecido” (HEIDEGGER, 1995, p. 13). O mundo da poesia é aquele que ainda está para ser desvendado.

O horizonte mostrará sempre um novo pôr-do-sol, a cada entardecer.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, Manoel de. **Retrato do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Livro Sobre Nada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **Livro de Pré-Coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. **O Livro das Ignorâncias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. **Gramática expositiva do chão: poesia quase toda**. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone Moisés. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

GMEINER, Conceição Neves. **A morada do ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger**. São Paulo: Leopoldianum, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução Mário Botas. Lisboa: Vega, 1995.

_____. **Arte y poesía**. Traducción Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

_____. **Signos em rotação**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Abstract

Poetry offers us a new dialogue with the world, a new way to see reality. Through the literary processes reality becomes instigating and enriching. This article aims to show that differently from the technical and scientific language, the poetical language goes beyond the words. It does not picture the conventional language exchanged by people daily. It hosts the essence of the Being. As opposed to the technical language, that is repeated continuously, poetry is unique and able symbolized by a sunset, for example, always different at every new dusk.

Key words: *Poetry; reality; technical language; Being.*